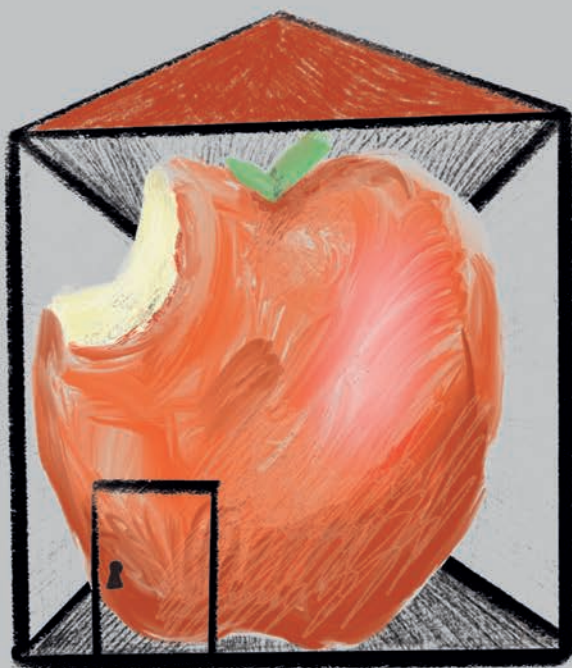


# PÉTER NÁDAS



## A Bíblia



cavalo de ferro

*No innate principles*  
(Locke, séc. XVII)

As rosas, já mal presas ao seu pé, as trepadeiras e as exuberantes folhas de acanto farfalhavam demoradamente, barulhentas, sempre que se movia o monumental portão de ferro, tão difícil de abrir como de fechar. Os sons confusos do metal a precisar de óleo penetravam no jardim silencioso e ribombavam languidamente na parede da vila de um só piso, coberta de estuque.

A vila estendia-se comodamente sobre o jardim, orgulhosa das suas ostensivas dimensões, mas quem a desenhara fora suficientemente moderado a ponto de não exhibir para a rua a sua soberba. A fachada fora magistralmente escondida por entre pinheiros de tronco alto, arbustos decorativos e as pedras do jardim. Por outro lado, o destacado terraço e o jardim de inverno, delimitado pela sua densa vedação, olhavam abertamente para os contornos da cidade, que se dissipavam no nevoeiro.

Projectadas para um estilo de vida diferente do nosso, as seis assoalhadas pareciam antiquadas comparadas com o apartamento que tínhamos na cidade, sendo de pasmar a entrada em mármore e a casa de banho de azulejos azuis,

digna de um salão. Os nossos móveis perdiam-se nas enormes paredes e não era possível aquecer as seis assoalhadas, pelo que da alegria misturada com o assombro aos poucos apenas foi ficando o desapontamento. Por fim, os meus pais prescindiram de dois quartos e alugaram-nos a um jovem casal. Passavam meses inteiros sem nos cruzarmos com eles.

Era grande, o jardim.

Eu deambulava sem destino o dia inteiro. Fumava às escondidas ou então levava para fora a espreguiçadeira e punha-me a ler.

Aborrecia-me e vagabundeava, mas programava os meus dias. Depois de vir da escola, almoçava e passeava no jardim, batendo na perna com um pau e contemplava, altivo, os canteiros de flores, com o *fox-terrier* de pêlo curto atrás de mim.

Percorriamos o jardim várias vezes e, terminado o passeio, mudava de roupa. Vestia o meu velho fato-de-treino e voltava a sair para o jardim. *Meta* sentava-se nas patas traseiras, diante da porta, com a cauda a abanar de felicidade. Estava na hora da «tourada».

Eu acenava com o trapo vermelho e começava a correr. *Meta* saltava atrás de mim, apanhava o trapo, puxava-o, largava-o, eu girava o trapo por cima da sua cabeça, ele rodava atrás do trapo como um louco, gania, rosnava, apanhava-o, eu puxava-lho, ele prendia-o com os dentes, eu não largava, arrancava-lho da boca e depois começava a correr, o cão ia atrás de mim, deitava-me ao chão, reboávamos no relvado, abocanhava-me o pulso, saltava-me para cima e fugia a galope com o trapo... Era assim todos os dias, até eu começar com dores de burro de tanto rir e correr.

Por vezes, *Meta* esquecia-se das regras e começava a levar aquilo a sério, latindo, rosnando, arreganhando os dentes, e mostrando-me assim de forma ameaçadora as gengivas rosadas e assustadoras e o céu da boca com manchas.

Mas o medo também me punha eriçado, ainda mais do que a ele. E eu também não largava o trapo. Numa dessas ocasiões atacou-me.

O tecido prendera-se-lhe nos dentes e eu, agarrando o tecido, levantei-o no ar. Ele ganiu de dor, contorceu o corpo e libertou-se. Da sua boca pendia um pedaço de tecido vermelho.

Mordeu-me a perna. Por momentos perdi a consciência. Devido ao medo, porque dor não podia sentir, pois só tinha ficado com um arranhão. Ao meu lado estava uma enxada abandonada sobre a relva. Peguei nela lentamente, de cabeça fria. *Meta* estava deitado no chão, com um olhar suplicante. Comecei a bater-lhe. Escorria-lhe sangue do corpo. Aos primeiros golpes ainda uivou, depois fechou os olhos e em silêncio suportou a pele e a carne a rasgarem-se sob a enxada afiada.

Foi o nojo que me fez parar. Se não fosse o nojo, não sei quanta fúria e desejo de vingança haveria dentro de mim. Deixei-o ali.

Durante dias não o encontramos. O meu pai deu com ele no sábado à tarde, no fundo do palheiro. Tirou-o de lá e levou-o para a entrada.

Os olhos do cão brilhavam de medo, o seu corpo ardia de febre, tinha feno colado às feridas e sobre o pêlo havia

sangue seco coagulado. Respirava com dificuldade, a língua sempre pendurada, com a qual ia lambendo o focinho.

A minha mãe lavou-o, tapou-lhe as feridas, deu-lhe de beber e depois puseram-se a imaginar quem lhe poderia ter batido daquela maneira, de certeza que tinha roubado uma galinha... Eu não disse nada.

Na manhã seguinte, a caminho da casa de banho, quase tropecei no corpo rígido de *Meta*. Arrastara-se até à porta, talvez para morrer ao ar livre... Com uma expressão de tragédia no rosto, entrei no quarto dos meus pais. Ainda estavam deitados. Era domingo de manhã.

– Morreu – disse, e comecei a chorar. Aninhei-me junto da minha mãe, desviando, porém, a cabeça das suas carícias. Não sentia necessidade de consolo.

Durante dias não consegui encontrar a minha paz. Subia ao sótão e encontrava novos tesouros. Havia baús inteiros com cartas antigas, fotografias e jornais, único legado do anterior proprietário. Remexia os escritos empoeirados e lia com prazer as extensas cartas escritas com letra alongada. Sentava-me horas na viga empoeirada a ler sobre festas, empregados, amores, moda, cavaleiros e praias.

Ficava a olhar para as fotografias de senhores e senhoras elegantes e retesados, a bordo de grandes cruzeiros, em cima de camelos junto às pirâmides egípcias, debaixo de arcadas de monumentos romanos ou em gôndolas venezianas.

As janelas estreitas do sótão derramavam feixes de poalha dourada. Só muito raramente chegavam até mim alguns sons do mundo lá em baixo, como gritos, ou então o constante e monótono rumor da cidade, o qual eu já nem ouvia, de tão habitual que era.

Após cada carta, ficava muito tempo a sonhar acordado. Imaginei-me montado num cavalo. Não como adulto, apenas assim, como criança, muito direito, de chicote na mão. Ou então sentado ao piano num enorme salão revestido de

mármore, como o pequeno Mozart, com drapeados de veludo vermelho a pender das portas de dois batentes e a criada vestida de preto e branco a trazer-me por vezes cartas de felicitações numa bandeja.

Tinha a cabeça apoiada contra uma viga, numa imperturbável indolência. Uma voz feminina trespassou a neblina dourada. Vinha do fundo do jardim, do campo de ténis:

– Évaaa! Sai da água!...

Assomei à janela, mas a espessa folhagem não me permitia ver para o jardim do vizinho, e entretanto Éva já devia ter saído da piscina, porque de novo tudo estava em silêncio.

O nome dela intrigou-me.

Arrumei os meus tesouros e rapidamente desci do sótão. Àquela hora, ao início da tarde, reinava sempre em nossa casa um grande silêncio. Os meus avós descansavam no quarto mais afastado.

Liam o *Népszava*, o jornal que o avô assinava desde os seus tempos de aprendiz. O ofício arruinara-lhe a vista e já naquela altura nem sequer conseguia decifrar as letras grandes. Há dez anos que a minha avó lhe lia todos os dias o jornal. Sentava-se junto à janela, ajeitava no nariz os óculos de armação de metal e da boca saíam-lhe as frases rápida e insipidamente. O meu avô devia precisar de uma paciência infinita ou então de uma perfeita resignação para suportar a voz monocórdica da minha avó. E enquanto o meu avô filtrava sempre o essencial daquele aglomerado de palavras, qual denso nevoeiro, a minha avó não era capaz de reter mais que a previsão meteorológica. E isso só



porque alegava que as suas pernas e costas indicavam a mudança do tempo com maior precisão que o Instituto de Meteorologia.

Nessas tardes era tudo meu. O tempo e o espaço. Vasculhava livremente as gavetas e lia os livros fechados à chave.

Ao descer do sótão ao som do nome de Éva, dirigi-me imediatamente para o armário do meu pai e tirei algumas das suas gravatas. Não conseguia imaginar o encontro com a rapariga de outra forma que não fosse de gravata.

Corri na direcção do campo de ténis. À medida que me fui aproximando, abrandei o passo. Pus-me a imaginar Éva. De vestido de tule cor-de-rosa e sombrinha branca, passeando à volta da piscina, orgulhosa, de chapéu de palha – tal como eu vira nas ilustrações dos romances para raparigas. E a espera fazia o meu coração saltar pela boca.

Aproximei-me cautelosamente da vedação e olhei para o jardim do vizinho por entre os arbustos de lilases, mas não vi ninguém. No meio do jardim, edificada sobre pedras decorativas, virada para o sol, erguia-se a vila, toda ela de vidro. Mais em baixo a piscina em pedra e ao lado outra mais pequena, com nenúfares.

Fiquei muito tempo sentado, escondido entre os arbustos. Nada se movia. Isso deslumbrou-me ainda mais. Imaginei que Éva estava agora num salão com venezianas, sentada a tocar piano. Mas não se ouvia piano nenhum. É claro que isso não perturbou a minha imaginação. Fiquei muito tempo sentado até que de trás da casa soou a voz aguda de uma rapariga.

«Gansinho, gansinho, gansinho», ouvi eu, após o que lá apareceu a rapariga, com um punhado de milho na mão e os gansos esfomeados saltitando atrás dela.

Aproximava-se cada vez mais da vedação. Provocava os animais, atirando-lhes por vezes um ou outro grão de milho, aos quais os gansos acorriam para depois continuarem a trotar atrás da rapariga.

A rapariga, que eu nem sequer pensava poder ser Éva, estava descalça, vestia uma saia de tecido muito curta que mal lhe cobria as pernas esguias. Por fim, não longe do meu esconderijo, espalhou o milho que tinha na palma da mão. Por essa altura, já o medo me tinha abandonado e gritei-lhe:

– Ouve lá!

Ela virou-se e eu pensava tê-la assustado, mas o seu rosto magro revelava apenas hostilidade:

– O que é que queres? – perguntou.

– Nada.

– Então porque é que estás a olhar?

– Porquê? Não se pode?

– Parvo – disse, virando-se de novo para os gansos.

Fiquei abalado, mas não me mexi. Ela fez de conta que estava a prestar atenção aos animais, mas espreitava-me pelo canto do olho e depois disparou:

– Ainda aqui estás?

– Sim – respondi timidamente, porque Éva começava a dirigir-se para casa, dizendo-me por cima do ombro:

– Então quem vai sou eu!

Involuntariamente, quase gritei:

– Não vás!

Ela parou e virou-se.

– Está bem – disse.

Ganhei então coragem.

– Aproxima-te.

– Para quê?

– Para falarmos.

Não respondeu e avançou na minha direcção. Eu ainda estava agachado junto à vedação.

– Senta-te aqui.

Prendeu a saia com as pernas e ficou a olhar para mim. Esse movimento voltou a perturbar-me. O meu olhar saltitava dos seus olhos para os seus joelhos apertados um contra o outro. Eram castanho-escuros e serenos, os seus olhos.

– Vamos ser amigos... – sugeri, hesitante.

– Parvo – voltou a responder –, eu sou rapariga, não posso ser tua amiga.

A resposta desconcertou-me. Não consegui dizer nada. Sentia que ela tinha razão, e isso motivava-me a ripostar, enquanto ela continuava a olhar para mim. Ficámos em silêncio. Depois levantou-se, sacudiu a saia e disse numa voz baixa, íntima, como se fôssemos conhecidos de longa data:

– Adeus.

Teria gostado de a reter ali, mas ela afastou-se com passos tão decididos que não ousei fazê-lo.

Budapeste, anos 1950. Uma vila situada na colina da cidade e o seu jardim de inverno constituem o pequeno reino protegido onde Gyuri, filho de altos funcionários do partido, passa dias indolentes na companhia dos avós. À tarde, depois da escola, deambula, lê, espreita os vizinhos, ou simplesmente não faz nada, limita-se a ficar à espera, a ver o que acontece, aguardando pela noite e pela chegada dos seus pais. A entrada ao serviço de uma jovem doméstica vinda do campo irá, porém, perturbar o falso equilíbrio e a tranquilidade do lar, trazendo à superfície crueldades e pulsões ocultas, que irão marcar o fim da inocência de Gyuri e da sua família.

Publicado originalmente em 1967, *A Bíblia* é o curto romance de estreia de Péter Nádas, considerado um dos maiores nomes da literatura mundial, traduzido pela primeira vez no nosso país.

«Péter Nádas é o grande agrimensur das paisagens interiores europeias do século xx.»

*Die Zeit*

«Mais nenhum outro escritor europeu de hoje lidou de modo tão eloquente com as obrigações e os enigmas morais da memória, privada e colectiva.»

*The New York Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897870767



9 789897 870767 >